

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十  
廿十廿三廿十  
天十廿三廿十  
天十廿三廿十

sempre presentes no processo cultural de construção da identidade, no jogo entre o mesmo e o outro. Fronteira é o lugar da alteridade ao qual a identidade constantemente se remete para se consolidar e é nesse jogo sinuoso que as etnicidades se definem” (pp. 15-16).

A discussão interdisciplinar do tema das fronteiras e identidades no mundo antigo fora proposto para o congresso segundo seis vectores diferentes: 1) Fronteiras entre o mundo antigo e o moderno; 2) Cultura material e contactos culturais; 3) As fronteiras das línguas; 4) A representação das fronteiras na Literatura Clássica; 5) Fronteiras geo-políticas; 6) Fronteiras entre a identidade e a alteridade.

Interessante e sugestivo foi o facto de, durante o congresso e respondendo a esta grande variedade de temáticas convergentes, terem surgido duzentos e setenta trabalhos. As conferências e palestras que integram este volume constituem apenas dez por cento daquele total e servem certamente para definir os parâmetros que seguramente orientaram todas as discussões havidas. Aliás, o acontecimento cultural era simultaneamente um congresso e uma reunião geral anual da mesma associação cultural, o que permitia este tratamento diferenciado e complementar entre o publicado e o não publicado.

Os textos são em português e castelhano e todos têm um resumo na língua do artigo e em inglês.

Não é viável nem absolutamente necessário proceder, na rapidez deste espaço, a uma recensão de cada um dos trabalhos publicados, porque são muitos e interessantes e ainda porque se inserem de forma coerente nos parâmetros da fronteira, etnia e identidade e, nesse sentido, cada texto contribui a seu modo para um matiz específico da questão. Mas é evidente que este fruto da efeméride associativa dos nossos colegas brasileiros de História Antiga está destinado a ficar como uma referência de imenso significado para a abordagem destes temas de grande sensibilidade.

**José Augusto M. Ramos**

**SARA RAUP JOHNSON**, *Historical Fictions and Hellenistic Jewish Identity: Third Maccabees in its Cultural Context*, University of California Press, Berkeley / Los Angeles / London, 2005, ISBN 0-520-23307-7; 253 pp.

Este volume ocupa o número 43 da colecção “Hellenistic Culture and Society” que tem vindo a crescer com grande dinamismo, expri-

mindando deste modo o quanto é importante a plataforma cultural que se constituiu e para a qual a região situada entre a Síria e o Egipto deu um particular contributo e beneficiou de momentos de contacto cultural particularmente intensos.

O que a Autora aqui pretendeu expor foi a maneira como o judaísmo da época helenística aproveitou os esquemas de ficção histórica e novelesca que no helenismo se praticaram com algum entusiasmo, para os colocar ao serviço da definição da sua própria identidade.

O objectivo final que a Autora se propôs foi aplicar este estado cultural à análise do 3º Livro dos Macabeus, um produto da literatura historicizante da época judeo-helenística em que o contexto do confronto cultural suporta claramente e sublinha um processo intenso de definição de identidade.

Este 3º Livro dos Macabeus não pertence a nenhuma das listas canónicas de livros oficiais nem do judaísmo nem do cristianismo. E como este, outros exemplos de livros não canónicos são considerados, quer sejam relatos de teor mais ou menos lendário e popular, mesmo proveniente das *Antiguidades Judaicas* de Flávio Josefo, quer consistam em produtos literários de sabor mais popular, tal como acontece com o romance de *José e Asetet*.

Como suporte para esta análise do 3º Livro dos Macabeus é, por conseguinte, vista a restante literatura de época que apresenta um particular atractivo pelo aproveitamento de narrativas de cariz histórico e por detrás das quais se vão detectando os mesmos horizontes e as mesmas preocupações. Os livros bíblicos de Ester, Tobias, Judite e Daniel oferecem para este enquadramento preciosos elementos. Segundo a Autora, este conjunto literário oferece mesmo um caminho narrativo e, de algum modo, uma encenação para um dos vectores descritivos da questão da identidade: é o tema dos judeus na corte, no qual se elabora uma identidade social e política para os judeus em contexto estrangeiro, como conseguindo aproximar-se e afirmar-se com sucesso junto do poder. Ali, conseguem validar a imagem social de sucesso e, em complemento, conseguem eventualmente garantir algum antídoto relativamente aos elementos de corrupção e de opressão das minorias para os quais o poder absoluto, na sua sofreguidão, se deixava deslizar. Neste âmbito se vai realizando, por momentos, o frente a frente dramático dos poderes absolutos contra o poder do Absoluto. Esta era a utopia identitária de poder com que o judaísmo se contrapunha ao ritmo ameaçador dos poderes históricos. E também nestes traços se encontram alguns dos dados significativos da percepção de identidade própria do judaísmo.

Sublinha a Autora que o género literário da ficção histórica foi particularmente acarinhado pelo judaísmo da época helenística, no sentido de ir trabalhando com afinco e meticulosidade na construção da sua própria identidade. E utiliza esse recurso tanto na produção de narratividades ficcionais situadas em época mais ou menos recente e pós-exílica como na reelaboração e enriquecimento semântico das suas próprias figuras patricarais, tanto anteriores como posteriores ao dilúvio.

**José Augusto M. Ramos**

**JOSÉ DAS CANDEIAS SALES**, *Ideologia e Propaganda Real no Egipto Ptolomaico (305-30 a. C.)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005, 512 pp., muitas ilustrações, ISBN 972-31-1090-3

É com merecido júbilo que se saúda o aparecimento de mais uma obra de temática egíptológica, redigida por José das Candeias Sales, docente na Universidade Aberta, em Lisboa, com o título de *Ideologia e Propaganda Real no Egipto Ptolomaico (305-30 a. C.)*, editada com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que a acolheram na sua colecção de Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. O texto publicado corresponde à sua tese de doutoramento que foi apresentada na mencionada Universidade em 2003.

A dissertação, agora em boa hora editada, versa sobre a dinastia dos Ptolemeus - que o autor, dentro da ampla liberdade de interpretação e tratamento onomástico que se deve conceder aos investigadores da área de História Antiga (e nomeadamente no âmbito pré-clássico e clássico como é aqui o caso), prefere chamar de Ptolemeus. Trata-se de uma área que no nosso país não tinha merecido até hoje a necessária atenção e que agora exitosamente se abordou com brilhantismo e que merecerá certamente aceitação positiva de egíptólogos e de helenistas. De resto, no júri reunido pela Universidade Aberta para avaliação da tese encontrava-se um conceituado egíptólogo com renome internacional como Pascal Vernus, da École Pratique des Hautes Études, Paris, além de conhecidos helenistas e orientistas, como é o caso do Professor Doutor António Augusto Tavares, que foi o orientador da tese.

Da leitura dos propósitos do autor, contidos na Introdução (pp. 19-35), se extrai a intenção de clarificar os traços mais característicos